MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Praça Conselheiro Rodrigues Alves - nº 48 - 2º andar

2002 **nº 227**

O Conselheiro Rodrigues Alves visto por Brito Broca



O grande escritor e crítico literário José Brito Broca deixou em suas "Memórias", depoimentos de grande valor documental para a história de Guaratinguetá, onde nasceu em 1903.

Jornalista e autor de livros da maior importância para a cultura nacional como "A Vida Literária no Brasil – 1900", (cujos originais pertencem ao Museu Frei Galvão), as memórias de Brito Broca só foram publicadas após sua morte, em 1961. A organização desses textos autobiográficos, coube a seu amigo e literato guaratinguetaense como ele: Francisco de Assis Barbosa, da Academia Brasileira de Letras.

Entre os capítulos de suas lembranças, o **Museu Frei Galvão** selecionou para publicação, o texto referente ao Conselheiro Francisco de Paula Rodrigues Alves que, neste ano de 2002, completa o centenário de sua posse na Presidência da República, para o quatriênio de 1902-1906. Reeleito em 1918, faleceu antes da posse, em janeiro de 1919. O trecho escolhido para publicação refere-se a presença do ilustre estadista em Guaratinguetá e a seu sepultamento, na visão do então jovem Brito Broca.

"Um dos nomes com que me familiarizei muito criança foi o de Rodrigues Alves. Falava-se, a todo momento, em Guaratinguetá, nos Alves, nos Paula, no Comendador, mas Rodrigues Alves, o Conselheiro, personificava um ser distante e superior. Vinha-me a efígie nos selos, o retrato nos jornais e nas revistas. E minha avó, obrigada a aposentar-se pela pressão política do Comendador, e censurando-lhe o espírito vingativo e as maneiras ríspidas, costumava dizer:

- "O Conselheiro, sim, é outra coisa. Um homem delicado e atencioso".

Recordava a ocasião em que se vira obrigada a procurá-lo à noite, por motivo urgente, e fora recebida da melhor maneira. Depois de atender-lhe o pedido, ele próprio acompanhara-a até a porta da rua, alumiando o corredor com a vela, nesse tempo em que não havia luz elétrica em Guaratinguetá. Podia mandar um criado, mas fizera questão de manifestar aquela deferência a quem viera solicitar-lhe os préstimos.

Não se cansava minha avó de evocar o fato, acentuando o contraste entre os dois irmãos. Cheguei a ver duas vezes o Conselheiro. Na primeira, numa grande manifestação que lhe fizeram em Guaratinguetá. Como eu era ainda muito criança, não posso precisar o ano. Talvez 1912, quando ele foi eleito, pela segunda vez, presidente do Estado, num momento grave, em que estávamos sob ameaça de intervenção hermista. Devia desembarcar à tarde, vindo de São Paulo, de trem especial. As ruas se achavam embandeiradas em arco e com vistosos galhardetes. O Largo da Estação, repleto. Eis que uma enorme descarga inesperada de morteiros me leva a tampar os ouvidos assustado. A cidade parece estremecer sob um verdadeiro bombardeio. O trem entra na gare no meio desse barulho medonho, em que mal se distinguem os sons da banda de música. E quando o Conselheiro surge no Largo com a comitiva, ainda ao espocar dos foguetes e ao ribombo dos morteiros, meu pai me ergue nos braços para que possa contemplar o grande homem. Vinha sorridente, trazendo um cachecol de seda branca, cujas pontas lhe caíam pelas abas do paletó – indumentária inédita para mim – e assim passou em meio das aclamações.

Ao chegar em casa, ufanando-me de ter visto o Conselheiro, pus-me a contar a todo mundo a curiosa particularidade: ele estava com uma toalha enrolada no pescoço.

Da segunda vez, foi no casamento do Dr. Juca (José Rodrigues Alves Sobrinho), e eu já devia ter uns doze anos. Ia pela rua Coronel Virgílio, quando, na altura do Largo da Matriz, me defrontei com aquele velho de fraque, bengala, chapéu côco, passo largo, o busto um tanto arqueado para trás, acompanhado de duas meninas de branco, que calçavam luvas também brancas. Reconheci-o logo, como quem sente uma nota incomum de fidalguia, um traço diferente na trivialidade burguesa da cidade: era o Conselheiro, a caminho da casa de Dona Idalina, onde devia realizar-se o casamento. As meninas seriam suas netinhas. Muito amável, tirava o chapéu a todas as pessoas com quem se encontrava.

Logo depois, aquela manhã úmida e meio chuvosa, em que o sol custou muito a aparecer, levantei-me às pressas, quando soube que o trem especial, trazendo o corpo do Conselheiro, já estava chegando à estação. Na rua, ia um grande movimento. Do Largo da Matriz pude apreciar toda a grandiosidade do espetáculo fúnebre, que não parecia, no entanto, infundir nenhuma tristeza. Da estação até ao Largo formava a Guarda Civil de São Paulo em uniforme de gala: azul, cinto branco, luvas e o capacete semelhante ao dos guardas de trânsito ingleses, com penacho branco.

O enterro aproximava-se lentamente da igreja, onde devia ser rezada a missa de corpo presente. O som dos pistões, ao compasso da marcha fúnebre, feria o ar da manhã. E davam mais a impressão de um hino as notas estridentes daqueles instrumentos.

Quando o povo começou a precipitar-se para dentro da igreja, reconheci o vulto de Lauro Muller, de sobrecasaca e guarda-chuva, ao lado de Rodolfo Miranda, de fraque. O grande ministro de Rodrigues Alves perguntava ao senador paulista, indicando a residência para onde se encaminhavam:

- De quem é essa casa?
- De Virgílio Rodrigues Alves – respondia Rodolfo Miranda.

E ali, no velho casarão da esquina do Largo da Matríz, desaparecem ambos, enquanto na igreja tinha início a missa. Dentro de uns quarenta minutos, o enterro saía em direção ao cemitério. Fomos, eu e minha mãe, à casa de D. Madalena, assistir-lhe a passagem, da janela, com todo conforto. Muita gente, porém, querendo tirar melhor partido do espetáculo, único na vida da cidade, depois de ver o enterro numa esquina, corria a vê-lo mais adiante. Ficamos longo tempo à espera de que chegasse onde nos encontrávamos, porque a urna, muito pesada e carregada à mão, impunha um ritmo excessivamente vagaroso ao desfile e constantes paradas para o revezamento dos que disputavam a honra de conduzi-la. Finalmente, penetrou na Rua Monsenhor João Filippo aquela massa enorme de gente, estacionando de dois em dois minutos. Bem atrás da urna, coberta com a bandeira nacional, o vulto ereto de Altino Arantes, então Presidente do Estado e criatura de Rodrigues Alves, pelas mãos do qual subira ao posto.

O rosto fino, de acentuado prognatismo, tornava-o inconfundível, no meio da multidão. Ao lado, o Núncio Apostólico, D. Ângelo Scapardini, de solidéu vermelho, militares de dragona, figurões da política, gente célebre, que procurávamos identificar pelas lembranças dos retratos nos jornais.

Foi, em suma, um grande dia em Guaratinguetá. E minha mãe que tinha horror a enterros e ficava profundamente nervosa, quando acontecia vê-los, passara a dizer mais tarde:

"Ah! Enterro bonito como o do Rodrigues Alves, isto sim, não impressiona a gente".

Notas – O texto acima é do livro: Brito Broca. Memórias. Texto organizado, anotado e com introdução de Francisco de Assis Barbosa. Livraria José Olympio Editora. Rio de Janeiro. 1968. Páginas 114, 115 e 116. – Desenho: Rodrigues Alves, visto por Tom Maia, através de fotos da época.